



MILEO, Tatiana Caniceiro; PAULA, Anna Beatriz. *When dreams travel: o empoderamento feminino na escrita de Ghita Hariharan*. In: *Revista Épicas*. Ano 3, N. 5, Jun 2019, p. 1-14. ISSN 2527-080-X.

WHEN DREAMS TRAVEL: O EMPODERAMENTO FEMININO NA ESCRITA DE GITHA HARIHARAN

WHEN DREAMS TRAVEL: WOMEN EMPOWERMENT IN GITHA HARIHARAN'S WRITING

Tatiana Caniceiro Mileo (UFPR)¹
Anna Beatriz Paula (UFPR)²

RESUMO: A pesquisa foi realizada acerca do empoderamento das personagens mulheres na obra *When dreams travel* (2008), da romancista indiana Ghita Hariharan. Na obra, o mito de Shahrzad, personagem de "As mil e uma noites", é revisitado pela autora e recontado a partir de uma perspectiva feminista, a qual traz novas construções identitárias para as personagens centrais e marginalizadas. O principal conceito teórico que baseou a pesquisa foi o de metaficção historiográfica, da pensadora canadense Linda Hutcheon (1988), o qual foi usado como suporte para problematização de questões pós-modernas relacionadas a narrativas contadas por e sobre mulheres na literatura indiana contemporânea. As reflexões acerca da construção imaginária do Oriente e Ocidente foram construídas a partir do conceito de eurocentrismo, presente na obra "Orientalismo" (1978), de Edward W. Said. Buscou-se com esse estudo divulgar uma literatura que ainda é pouco estudada no Brasil por não pertencer ao cânone literário da língua inglesa e fazer justiça àquelas mulheres que estão se empoderando através da escrita na Índia.

Palavras-chave: *When dreams travel*; Ghita Hariharan; Empoderamento feminino; Metaficção historiográfica.

ABSTRACT: The research was developed about the women empowerment in Ghita Hariharan's book *When dreams travel* (2008). In the book, the "One Thousand and one nights" myth is revisited and retold by the author from a feminist perspective which brings new identity issues to the main and marginalized characters. The main theoretical background the research was based was the historiographic metafiction, developed by the Canadian researcher Linda Hutcheon (1988), which was used to problematize postmodern issues related to narratives retold by and about women in contemporary Indian literature. The reflections upon the construction around the East and West were built based on the concept of eurocentrism present in Said's "Orientalism" (1978). One of the goals during the study was spread a

¹ Especialista em Ensino de Inglês para Crianças pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) em 2019. A pesquisa apresentada nesse artigo foi realizada no Programa de Iniciação Científica da Universidade Federal do Paraná (UFPR) durante a graduação de Letras – Licenciatura em Inglês. Email para contato: taticmileo@gmail.com.

² Doutora em Ciências da Literatura – Semiologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 2006. Email para contato: apbeatriz@gmail.com.

literature which is not widely studied in Brazil due to the fact it does not belong to the English literature cannon and make justice to the women who are being empowered in India by writing.

Keywords: *When dreams travel*; Ghita Hariharan; Women's empowerment; Historiographic metafiction.

Introdução

Pesquisar literatura indiana desperta novas possibilidades de analisar as narrativas a partir de uma perspectiva de gênero pois, ao considerar a sociedade patriarcal, as produções artísticas e culturais também são elaboradas refletindo as relações de poder e opressões construídas histórica e culturalmente, tanto no Ocidente quanto no Oriente. Consequentemente, o *status quo* e as hierarquias podem ser reforçadas e naturalizadas nas produções artísticas assim como podem ser e, muitas vezes, têm sido transgredidas. Nessa conjuntura, a reescrita das narrativas míticas através da metaficção historiográfica se torna um dos espaços para a transgressão.

Esse artigo apresenta como objetivo principal analisar a construção do empoderamento das personagens mulheres em *When Dreams Travel*, da escritora indiana Githa Hariharan, considerando como são retratadas as personagens na reescrita do mito de Shahrzad, presente originalmente em *As mil e uma noites*. Githa Hariharan é uma escritora indiana, nascida em 1954, e que está sediada em Nova Déli, capital da Índia, caracterizando-se, portanto, como uma escritora local. Sua formação acadêmica ocorreu na Índia e nos Estados Unidos e suas obras são escritas originalmente em língua inglesa. Seu primeiro romance, *The Thousand Faces of Night* (1992), ganhou o Commonwealth Writers Award de 1993 pelo melhor primeiro romance. Ela escreveu ainda *Ghosts of Vasu Masters* (1994), *When Dreams Travel* (1999) – objeto do presente estudo –, *In Times of Siege* (2003), e *Fugitive Stories* (2009), nenhum deles traduzido para o português.

Para atingir o objetivo acima apresentado, foi essencial entender o local de onde eu, pesquisadora, falava em conjunto com minhas limitações do meu lugar de fala e construções sociais sobre mim mesma em relação aos outros. Busquei, portanto, desenvolver a pesquisa tendo como uma das lentes a obra de Edward Said, *Orientalismo* (1978) que foi crucial para iluminar minhas próprias construções acerca do Oriente, assim como as construções desses povos a que fui exposta ao longo da minha formação acadêmica. A partir desse posicionamento, foi intencional a busca por pensadores e pensadoras que pudessem colaborar na minha investigação e análise do complexo cenário da pesquisa, contribuindo para o entendimento da literatura indiana escrita por mulheres e em língua inglesa na Índia contemporânea. A opção pela abordagem feminista na análise da reescrita do mito deveu-se às características da obra em si e reforçou a necessidade de dar visibilidade a pensadoras indianas. Assim, foram centrais para o presente estudo o olhar de duas estudiosas da obra de Hariharan: R. Brindadevi (2017) - que traz um panorama do conteúdo da narrativa – e Shehjad Sidiquii (2013), a qual desenvolve uma análise da perspectiva feminista em que a reescrita do mito foi feita.

É importante ressaltar que evitei generalizar experiências de mulheres considerando a pluralidade do que ser mulher pode significar quando pensamos em recorte de etnia, raça, nacionalidade, idade,

orientação sexual, entre outros, por isso quando usada a palavra “mulheres” de uma forma geral nesse artigo, entende-se a importância de considerar que não se trata de uma expressão totalizante.

Outro aporte teórico central para o desenvolvimento da pesquisa foi o estudo da pesquisadora canadense Linda Hutcheon (1988), a qual investiga e analisa a metaficção historiográfica como gênero literário e auxilia no entendimento do papel e contribuições desse gênero para a literatura pós-modernista e contemporânea, como será discutido a seguir.

Desenvolvimento

1.1 Fundamentação teórica

1.1.1 Hutcheon e a metaficção historiográfica

A pesquisadora Linda Hutcheon tem um papel central na bibliografia dessa pesquisa por discutir temas-chaves como pós-modernismo e metaficção historiográfica. Primeiramente, a sua obra contribui para o entendimento da complexidade que é teorizar os termos pós-moderno e metaficção historiográfica e contextualizá-los na literatura.

Por outro lado, considerar os questionamentos de Hutcheon (1988) e transferi-los para o objeto de estudo *When dreams travel* faz com que as rupturas, conjuntura do local de produção e fala da autora e suas contribuições com os papéis da literatura atualmente sejam ampliados.

A autora, em sua obra, expõe o quanto a sua análise é um recorte e uma das possíveis interpretações sobre o que é o pós-moderno. Para Hutcheon, os diversos recortes sobre o conceito convergem quando analisa-se que palavras como “discontinuity, disruption, dislocation, decentring, indeterminacy and antitotalization” (HUTCHEON, 1988, p. 3) são frequentemente usados para caracterizar o termo pós-moderno. Termos que não simplificam o entendimento, muito pelo contrário, somente mostram que é um lugar, provavelmente, mais desconhecido e inexplorado. Resumidamente, Hutcheon expõe que, para ela: “*postmodernism is a contradictory phenomenon, one that uses and abuses, installs and then subverts, the very concepts it challenges – be it in architecture, literature, painting, sculpture, film, vídeo, dance, TV, music, philosophy, aesthetic theory, psychoanalysis, linguistics, or historiography*” (HUTCHEON, 1988, p. 3). Essa definição de pós-modernismo de Hutcheon é central para entender com mais precisão o papel central do livro *When dreams travel* de Githa Hariharan e como a sua construção, papel e impacto se localizam historicamente.

Outro questionamento de Hutcheon sobre o que é o pós-moderno e que contribui para essa pesquisa é quando menciona o que é o termo em relação ao passado: “*it is a critical revisiting, an ironic dialogue with the past of both art and society, a recalling of a critically shared vocabulary of architectural forms*” (HUTCHEON, 1988, p. 4). Não necessariamente negar o passado, mas sim revisitá-lo de forma crítica e não nostálgica é uma das contribuições que Hutcheon (1988) traz para quando analisamos o livro *When dreams travel*, o qual revisita o mito das Mil e uma noites também de forma crítica e não nostálgica, pois a intenção

não era celebrá-lo e sim subvertê-lo e, simultaneamente, reconstruir construções identitárias das personagens, repensando e refletindo sobre a sociedade e como as mulheres nela se inserem.

Segundo a pesquisadora, por metaficção historiográfica, ela explica: *"I mean those well-known and popular novels which are both intensely self-reflexive and yet paradoxically also lay claim to historical events and personages..."* (HUTCHEON, 1988, p. 5). A característica da reflexividade nas obras de metaficção historiográfica mostra o poder de reconfiguração do entendimento dos sujeitos e de seus outros e sua relação com os eventos históricos atravessados por seus coletivos.

Em *When dreams travel*, as reflexões acontecem acerca da construção identitárias das personagens mulheres principalmente e, conseqüentemente, esse novo entendimento de quem elas são, do seu poder e das opressões que sofrem as empoderam para agir e tentar destituir esse poder masculino opressor.

Hutcheon (1988) completa que metaficção historiográfica parte de dentro das convenções com o objetivo de subvertê-las: *"I would agree and, in fact, argue that the increasing uniformization of mass culture is one of the totalizing forces that postmodernism exists to challenge. Challenge, but not deny. But it does seek to assert difference, not homogeneous identity"* (HUTCHEON, 1988, p. 6). A existência do pós-modernismo vem para desafiar, criticamente expor e subverter o que antes era celebrado e naturalizado por muitos no passado, para assim, através da arte e história, reconstruir um presente e futuro em que a base seja construída em outros pilares.

1.1.2 Mulheres e Índia a partir do Orientalismo

Para abarcar a complexidade do entendimento do que é o Oriente e como as construções culturais acerca dessa referência têm sido feitas historicamente, Said expõe como o Oriente tem sido formatado através de uma perspectiva limitada, construída, desde os primeiros contatos dos europeus com os diferentes povos orientais, a partir mesmo dos interesses políticos e econômicos da Europa Ocidental. Nas palavras do teórico, *"... Orientalism, a way of coming to terms with the Orient that is based on the Orient's special place in European Western experience"* (SAID, 1978, p. 2).

A construção do Oriente a partir de uma perspectiva eurocêntrica está mergulhada em interesses políticos e econômicos baseada numa interpretação sobre o Oriente: *"Orientalism is a style of thought based upon an ontological and epistemological distinction made between "the Orient" and (most of the time) "the Occident"*" (SAID, 1978, p. 3). Ainda segundo o autor, a construção do "outro" também faria parte do processo de construção de si mesmo. Assim, construir o Oriente de forma depreciativa e totalizante fez parte do projeto Colonial de engrandecer as nações colonizadoras, tornando-se uma ferramenta de dominação e autoridade, especialmente da Europa Ocidental. Said denuncia o quanto o fenômeno estaria enraizado na literatura, nas universidades, na economia, na política, caracterizando uma forma de domínio e autoridade do Ocidente sobre o "Oriente".

Os estudos de Said foram ampliados para outros contextos, um deles foi a Índia. Jukka Jouhki (2006) exemplifica como a relação da Índia com o Ocidente pode ser analisada tendo como base estudos sobre o Orientalismo:

The "rich cultures," "superior civilizations" and "ancient wisdom" of the Orient have inspired many Westerners, but on the other hand, the threats of its "monstrous mysteries" and "absurd religions" hailing from its "stagnant past" have abhorred at least as many. For many, the Orient has been a dominion of hordes and despots or spiritual mystics and exotic sensuality (JOUHKI, 2006, p. 1).

O pesquisador expõe como o Oriente simbolizava a sabedoria, espiritualidade, sensualidade exótica para países da Europa Ocidental, no chamado "essencialismo Indo-Orientalista" e na construção do "o que é ser indiano".

Esses estereótipos foram perpetuados em diversos espaços, seja na arte (literatura, música, cinema, etc), mídia, economia e entre governantes. Por outro lado, Jouhki (2006) também enfatiza que todas nações tem uma visão binária em relação a outras nações, considerando algumas superiores e outras inferiores a si mesmo, inclusive países do Oriente, e essas construções identitárias sobre o "outro", seja ele considerado inferior ou superior, influenciam na construção de estereótipos sobre si mesmo.

Jouhki salienta que o patriarcado seria um dos pilares do Orientalismo e da construção ocidental acerca do Oriente, como expõe no seguinte excerto:

To Said, latent Orientalism seems to have also been a significantly male-oriented world-view. Orientalist gaze in general has had sexist blinders rendering Oriental women objects of a male power-fantasy. The Oriental women have been seen as unlimitedly sensual, lacking in rationality, and, most importantly, willing (JOUHKI, 2006, p. 4).

O Orientalismo e sua contribuição para analisarmos suas influências na Índia são considerações importante para essa pesquisa, porém, o recorte da manutenção do patriarcado nesses espaços, seja Ocidente ou Oriente a partir da arte, será um tema central da minha discussão, principalmente em relação a quanto obra de Githa Hariharan subverteria a lógica patriarcal a partir da revisão do mito de Shahrzad.

1.1.3 Literatura Indiana e o empoderamento de mulheres através das subversões identitárias

When dreams travel foi escolhido como objeto de estudo considerando vários critérios. Além de ser uma metacficção historiográfica, um dos principais critérios para a escolha do objeto de estudo da pesquisa era que o livro fosse de autoria de uma mulher e indiana. A escolha por um livro de metacficção historiográfica, sua relevância e contribuição foi abordado na primeira parte do referencial teórico, na segunda parte, as problematizações acerca de pesquisar o Oriente principalmente sendo uma pesquisadora do Ocidente. Nessa terceira parte do referencial teórico, será analisada a escolha pela literatura indiana, feminina e feminista, o empoderamento de mulheres através dela e a relação dos temas com o livro objeto de estudo.

Primeiramente, a Índia e sua cultura permeiam o imaginário de muitos através das construções históricas acerca do Oriente, mas, para essa pesquisa, problematizar o lugar e condição das mulheres é essencial e, segundo Paula (2007):

Ambos os aspectos apontam para duas questões que considero fundamentais ao se analisar a condição da mulher Indiana em nosso tempo, quais sejam: a) a condição marginal à que as mulheres daquele país estão ainda submetidas, e b) uma espécie de continuum significativa que é a forte presença do feminino permeando toda a cultura da Índia (PAULA, 2007, p. 3).

Em uma cultura cheia de contradições, a literatura Indiana escrita por mulheres é um protesto por si só, um grito das mulheres Indianas, mas quando essa literatura também tem como objetivo o empoderamento de outras mulheres, o grito reverbera por outras mulheres que estão muito além da Índia.

Se num primeiro momento, a mulher Indiana assumiu o papel da submissão, aceitou o silenciamento a ela imposto por se encontrar “in-scrita” – como que oculta sob uma cicatriz –, neste momento, a mulher Indiana está pronta para escrever... marcar com sua fala que é, agora, o Verbo que materializa o novo mundo. Daí uma escrita de força, de transformação e enfrentamento(...) (PAULA, 2007, p. 8).

Analisar uma produção literária de autoria feminina, indiana e feminista tem seu papel amplificado quando consideramos a sociedade patriarcal que vivemos e como obras fora do cânone literário ainda são tão marginalizadas e pouco estudadas. Não somente nessa pesquisa, a atenção voltada para obras escritas por mulheres tem crescido, principalmente pelo seu caráter de ruptura, como coloca Paula: “A literatura de autoria feminina sempre representou transgressão, ruptura e afronta a cânones sociais. Desafiando sua condição subalterna, essas mulheres assumem voz e representação, tornando-se sujeitos de sua história pessoal e da história coletiva de suas comunidades” (PAULA, 2007, p. 1).

O caráter transgressor da escrita de mulheres tem influência na construção identitária de suas leitoras por meio de suas obras, por desafiarem o *status quo* e proporem novas possibilidades de ser e agir no mundo para as mulheres. O contato com novas possibilidades de construção identitária pode trazer transformações no modo como vemos o “outro” e a nós mesmos. Sobre essas transformações identitárias, Hall (2006) pontua:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente (HALL, 2006, p. 13)

Se considerarmos que a literatura colabora com a multiplicação de sistemas de significação e representação cultural, na literatura Indiana escrita por mulheres, as representações culturais sobre as construções identitárias femininas podem ser várias e questiona diversos lugares que a sociedade patriarcal restringe às mulheres, questiona o *status quo*.

Sobre o impacto das ideias feministas nas construções identitárias, Hall discute em seu livro como o “descentramento” identitário foi sendo construído ao longo dos séculos, apontando elementos que influenciaram tal processo. Os cinco conceitos influenciadores mencionados por Hall são: pensamento Marxista, descoberta do inconsciente por Freud, o trabalho do linguista Ferdinand de Saussure, o trabalho do filósofo Michael Foucault e o impacto do feminismo. Apesar de vários desses conceitos poderem ser abordados, para essa pesquisa é relevante enfatizar o papel e impacto do feminismo nesse movimento das bases para construções de um novo paradigma de construções identitárias.

Segundo Hall, o feminismo: “questionou a clássica distinção entre o ‘dentro’ e ‘fora’, o ‘privado’ e o ‘público’” (HALL, 2006, p. 45). Outro ponto a ser considerado, de acordo com Hall, é como o movimento feminista contestou noções da vida social, como: sexualidade, trabalho doméstico e a sua divisão, família e o cuidado com as crianças, etc.

Ao considerar essas transformações identitárias na esfera do privado, ao longo do tempo a esfera literária também tem passado por transformações, principalmente com a escrita de mulheres, antes silenciadas, lutando e conquistando seus espaços no meio literário e trazendo para suas obras temas relacionados as conquistas do movimento feminista transformando o impacto da literatura escrita por mulheres na sociedade, como Paula (2007) aponta:

Embora isso não queira definir o fim dos cânones, indica que não há mais um único referencial de identidade no mundo contemporâneo, o que nos leva à percepção de que aquela subjetividade tão enfatizada pelos paradigmas modernos entra em franca derrocada pela fragmentação da subjetividade em muitas: as diferenças (PAULA, 2007, p. 1).

Esses questionamentos sobre os papéis da mulher impostos em uma sociedade patriarcal tem sido representados também por Githa Hariharan em *When dreams travel*, como aponta Sankaran (2008) discutindo como Hariharan transformou as possibilidades de representações identitárias através de sua obra:

This points the way to the possibility that previous female versions of any story could have been omitted, truncated and corrupted by misogynous interference to produce the final canonised version suitable to a ruling patriarchal structure that then gets enshrined by successive generations of readers as the authentic version. Thus, in the final analysis, Hariharan by merging myth and parody, past and present, seems to signal to us that all reality comes to us filtered through language and that language is linked to power (SANKARAN, 2008, p. 71).

Hariharan, através de *When dreams travel*, faz seu protesto por ser mulher em uma sociedade patriarcal e através de suas personagens constrói outras identidades através das quais comunica suas leitoras da importância de questionar o *status quo* agindo lado a lado com outras mulheres.

1.2 Metodologia

Foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica sobre a metaficção historiográfica produzida em língua inglesa por escritoras indianas e como o objeto de estudo foi usado no livro *When dreams travel*, da autora Githa Hariharan para análise do papel da mulher nas narrativas míticas.

Como aporte teórico, a pesquisa foi baseada nos estudos de Hutcheon (1988) acerca da poética do pós-modernismo. O estudo buscou observar as relações de poder denunciadas pela crítica elaborada por Githa Hariharan em sua obra *When Dreams Travel*, a qual reescreve o mito das *Mil e Uma Noites*.

Diante das questões interculturais presentes nas metaficções diaspóricas, as discussões sobre a relação entre história e culturas serão norteadas por teóricos representantes dos Estudos Culturais, como Said, tentando evitar, assim, uma perspectiva eurocêntrica.

A obra *When Dreams Travel* foi escolhida como objeto de estudo por ser uma metaficção historiográfica na qual o mito das *Mil e Uma Noites* foi reescrito a partir de uma perspectiva feminista

enriquecendo o processo da pesquisa em como a arte, mais especificamente a literatura, pode se relacionar com o empoderamento de mulheres. Visando valorizar e pesquisar escritoras mulheres indianas que ainda são marginalizadas pelo cânone literário, a pesquisa tem como objetivo trazer visibilidade a Githa Hariharan e sua obra que tanto contribui para a literatura pós-colonial e feminista.

1.3 Análise

Githa Hariharan traz em *When dreams travel* a reescrita do mito de Shrahzad de uma perspectiva na qual as personagens mulheres são construídas não silenciadas ou romantizadas. A análise a seguir tem como objetivo explorar a construção das personagens ao longo da narrativa e como as mulheres foram representadas como protagonistas, tendo sua complexidade e voz consideradas na história, além da não romantização das relações entre as personagens Shrahzad e Sharyar. Para constatar as subversões feitas por Hariharan em sua reescrita, inicio a análise com um resumo da narrativa original. É importante ressaltar que, estou me referindo à versão que deu visibilidade à obra quando de sua tradução para o francês no século XVIII, pelo orientalista Antoine Galland. Pesquisadores da obra se referem a versões que foram sendo elaboradas a partir do século IX, sendo compostas por contos de origem persa, grega e Indiana, entre outras de países árabes distintos e em épocas diferentes.

Conta-se que Rei Sharyar, ao descobrir que sua esposa o traía com outro homem, manda matar ambos. Não satisfeito com o assassinato dos amantes, Sharyar decide que, a partir daquele momento, tirará a virgindade de uma mulher por noite e ao amanhecer a enviará para ser decapitada. Um dia, Shrahzad, filha do grão-vizir decide ser a próxima noiva do rei para que pudesse colocar um plano em prática e tentar colocar um fim no genocídio que estava acontecendo na cidade. Apesar de seu pai ser contra a sua decisão, não a impede de seguir seu plano. Ao se casar com o rei, Shrahzad é levada para o quarto, mas pede para que possa contar uma história para Dunyazad, sua irmã mais nova, em sua última noite viva. Assim, Shrahzad levou sua irmã junto para o quarto e iniciou uma história prendendo a atenção não somente de Dunyazad mas também do Sultão. Ao chegar o amanhecer, Shrahzad interrompe a história em uma parte importante, Sharyar ordena que continue, mas sua esposa responde que o carrasco já prepara o momento de sua morte e não poderá continuar. Assim, Sharyar pede que continue na próxima noite, o que se repete por mil e uma noites evitando a morte de Shrahzad e outras mulheres do reino. Na milésima primeira noite, ao terminar a sua história, Shrahzad mostra os 3 filhos que teve nesse período, Sharyar encantado com a esposa e filhos desiste de matá-la. O rei ordena a realização do seu segundo casamento com Shrahzad e de Dunyazad com seu irmão, reinando juntos felizes para sempre.

Como será melhor discutido mais adiante, Githa Hariharan ao trazer uma reescrita feminista das *Mil e uma noites* desloca o centro da narrativa para personagens e discursos antes marginalizados. Através da fantasia e ficção, a autora apresenta outra possibilidade de mulheres sendo retratadas lutando para escreverem sua própria narrativa em uma sociedade patriarcal. De acordo com Sankaran (2008), ao ler *When Dreams Travel* não se lê os contos das *Mil e Uma Noites*, mas sim um comprometimento ético de Hariharan

com o desvendar a misoginia da história canônica. A autora não só subverte o mito em si mas usa da fantasia como empoderamento para a sua criação, como explicitado em Sidiqii (2013, p. 3): *“In When dreams travel, Githa Hariharan uses the postmodernist technique of fantasy and magic realism along with intertextuality. Postmodern literature subverts the conventional forms of story-telling”*.

Essa citação está alinhada com Hutcheon (1988) que também pontua a literatura e sua intersecção com o pós-modernismo como um local de ruptura com o convencional trazendo uma nova ordem para a construção social do “eu” e do “outro”. Ao reescrever o mito de Shrahzad, Hariharan também coloca em debate questões identitárias, principalmente quando se trata de Dunyazad.

A narrativa inicia com a descrição dos quatro personagens principais, Sharyar, Shrahzad, Dunyazad e Shazahman, no aposento em que Shrahzad conta as histórias para salvar a sua vida e de outras mulheres da cidade. Logo após a descrição do ambiente e da cena, as mil e uma noites chegam ao fim e o narrador anuncia que a história terminou nos palcos, mas fora do palco só iniciou.

When dreams travel conta a história dos bastidores e a continuação do cânone, reconstruindo não só o que ocorrera naquelas noites, mas também o que teria acontecido após tal período. Primeiramente, temos a apresentação de que Dunyazad, irmã de Shahrzad, se casa com Shahzaman e ambos se mudam para o reino do irmão mais novo, já Sharyar concede o título de sultana para Shrahzad e permanecem no castelo vivendo como um casal. Entretanto, a convivência entre os quatro é desromantizada e revelada em suas entrelinhas por Hariharan. Desde o início da narrativa, o narrador expõe o elemento central das relações entre as quatro personagens narradas no livro: poder. *“They form two teams, children at a game of hide and seek; or seek and capture, a game of power. The team of two brothers versus the team of two sisters. But the teams exclude, dissolve, expand. Now it is a contest between siblings, now between couples”* (HARIHARAN, 2008, p. 19) Esse poder é disputado de várias formas entre os quatro durante a narrativa, seja de beleza, controle sobre o povo, inteligência, tamanho e importância do reino, fama, quantidade de súditos. Os objetos de desejo são vários e ao mesmo tempo um só: poder.

Durante os jogos de poder, conhecemos as nuances de cada personagem, seu íntimo. Quanto a Shahrzad que passamos a conhecer, a reescrita feminista de Hariharan traz uma sultana que desafia o marido, não se preocupando em agradá-lo em suas obsessões. Quanto ao sultão, desvenda-se em um homem surpreso pela inteligência de sua esposa chegando a questioná-la sobre a fonte de tanta sagacidade: *“Shahrzad, asks her sultan, Shahryar, ‘where did all those stories come from? Shahzaman and I have read and studied more than you have. Certainly we have travelled more, seen marvels and lands and wickedness you can only imagine”* (HARIHARAN, 2008, p. 20). E Shrahzad, com sua perspicácia, responde: *“I don’t have a sword, so it seems I cannot rule. I cannot rule, I cannot travel, I don’t care to weep. But I can dream”* (HARIHARAN, 2008, p. 20), então, os irmãos questionam de onde vem os sonhos secretos de Shahrzad e pede para que conte a eles, novamente, de onde vêm, e mais uma vez a sultana não satisfaz as vontades e curiosidades dos irmãos: *“Only those locked up in hovels and dungeons and palaces can see and hear these dreams. Only those whose necks are naked and at risk can understand them”* (HARIHARAN, 2008, p. 20).

Em seus questionamentos e curiosidades sobre a fonte da criatividade, conhecimento e inteligência de Shahrzad ficava clara a admiração e inveja dos irmãos e desconforto em não conseguir entendê-la e se sentirem no controle não só de seu corpo, mas principalmente de sua mente.

Inicialmente, a narrativa foca em Shahrzad, até que sua morte é anunciada fazendo com que e Dunyazad decida ir até o castelo que sua irmã morava para investigar sobre as causas de seu adoecimento e morte repentinos.

A construção da personagem de Shahrzad desde o início da narrativa espelha a reescrita do mito em sua perspectiva feminista e ruptiva, como colocado por Brindadevi (2016): *“Hariharan expresses her feminist position by shifting the focus on woman, traditionally treated as the silent subject, an inferior creature, and a powerless person. In her restructured reading the woman emerges as a superior being endowed with knowledge, power, diplomacy and wisdom”* (BRINDADEVI, 2016, p. 3). O empoderamento não termina em Shahrzad. A partir desse momento, Dunyazad tem papel central na narrativa. Sua jornada de sua moradia até o castelo de sua irmã fingindo ser um homem, pois viajar sem a companhia de um homem não era algo bem visto para mulheres, posteriormente sua determinação em descobrir mais sobre a morte de sua irmã e os desafios que encontra ao longo de quase todo o livro até descobrir a verdade, reescrevem a personagem de Dunyazad no mito das *Mil e uma noites*.

Por outro lado, Shahrzad se faz presente na narrativa a todo tempo, descrita como uma guerreira invencível, é apresentado como a sultana influenciou na formação de sua irmã mais nova, Dunyazad: *“Dunyazad takes to travelling. She carries the weight of an unwritten history, the entire apparatus that unfolds accordion-like to reveal its shifting games of well-constructed lies. But on Shahrzad’s trail, she can flaunt the resourcefulness of an intrepid explorer”* (HARIHARAN, 2008, p. 23).

Em uma reescrita claramente feminista do mito das *Mil e uma noites*, Dunyazad tem voz, vontades, defeitos, qualidades, sonhos, coragem. Dunyazad não é somente a irmã de Shahrzad, deixada à margem, ela também tem sua luta, seu poder. Ao dar voz para Dunyazad, a narrativa enriquece com mais uma perspectiva sobre as relações mantidas entre os personagens e os acontecimentos. A proposta da autora não só mergulha em uma Shahrzad confiante da sua capacidade e autonomia ou dá voz e complexidade para a personagem de Dunyazad, Hariharan também traz da margem as mulheres escravas do castelo, como Dilshad e Sabiha, por exemplo. Dilshad se torna tão importante quanto Dunyazad durante a narrativa, tendo sua história contada por ela mesma e construída ao lado da irmã de Shahrzad enquanto buscam derrotar o sultão e encontrar a verdade sobre a morte de Shahrzad. Ao construir personagens que contam suas próprias histórias, Hariharan traz em sua reescrita o debate da identidade e principalmente crise de identidade para o foco da subversão que acontece, como é corroborado em Brindadevi (2016): *“Identity crisis plays a key aspect of the thematic network of the Indian English fiction. It is the most important conflict that people face in their life. The crisis of identity is the thematic design of Hariharan’s When Dreams Travel”* (BRINDADEVI, 2016, p.1).

O foco da narrativa é voltado diretamente para a construção identitária das personagens mulheres

ao longo da leitura, como apontado em Sidiqii (2013): *“All her women characters seem to seek new forms of liberated feminist identity, on the pattern of resistance, survival, imaginative choices and solidarity”* (SIDIQII, 2013, p. 10).

Por um lado, a reescrita de Hariharan preencheu lacunas existentes no cânone quando se trata de mergulhar na complexidade dos homens da história. Por outro lado, Brindadevi (2016) ressalta: *“In the novel, male characters can listen, but it is a woman who invents them”* (BRINDADEVI, 2016, p. 4).

Mesmo Shahryar sendo o personagem homem principal, de acordo com Sidiqii, Hariharan trouxe uma complexidade e humanização do que há de cruel no seu desenvolvimento, como expressado no texto: *“The socio-cultural relations have been treated and tackled in a humanist perspective”* (SIDIQII, 2013, p. 12).

Assim, Sidiqii segue afirmando que: *“The sociological approach provides some basic principles to understand the social system because literature is a mirror of society. The story once again focuses on man-woman relationship, the unfair power exercised by the male and the power of women to survive through storytelling and imagination”* (SIDIQII, 2013, p. 6). Durante a leitura, apresenta-se parte da história do sultão e seu irmão, além de seus sentimentos em relação a sua família, esposa, filho, reino e si mesmo. Shahryar também é desenvolvido em relação à sua mistura de inveja e admiração por Shahrzad e o seu descontentamento com o filho deles, Umar.

Outro personagem antes marginalizado na versão canônica da narrativa e desenvolvido na reescrita do mito é o pai de Shahrzad, o primeiro-ministro. É dedicada parte da narrativa para mostrar sua perspectiva sobre o assassinato das mulheres a mando do sultão, mostrando suas preocupações como pai, seu papel como quem está encarregado de matar uma esposa do sultão por dia e como esses papéis o afetam.

As várias nuances da identidade de cada personagem homem sob uma perspectiva feminista de reescrita traz para debate questões sobre a relação do masculino opressor e a exploração e inferiorização das mulheres em uma sociedade patriarcal. Considerando que o feminismo é uma ideologia baseada na igualdade entre homens e mulheres, o livro aponta para a luta por uma sociedade igualitária através da sua articulação entre ficção, fantasia, feminismo, mito das *Mil e uma Noites*, possibilitada pela metaficção historiográfica.

O tratamento das mulheres como objetos sexuais e a violência do masculino opressor costura toda a reescrita do mito nas mãos de Hariharan a partir da perspectiva dos opressores e das oprimidas, a partir daqueles que têm a liberdade para reescreverem suas histórias e também daquelas que precisam lutar pelas suas vidas e pela chance de escrita da sua própria identidade. A luta pela queda do patriarcado e libertação das mulheres é uma luta coletiva. Githa Hariharan mostra a importância da coletividade em *When dreams travel* através da união entre Dunyazad, Dilshad e Sabiha, seja para derrotar o sultão, seja para apoiar Shahrzad em sua luta diária para sobrevivência dela e de todas. A narrativa descentraliza o poder de Shahrzad para outras mulheres antes marginalizadas no mito mostrando que apesar do papel heroico da sultana e seus méritos inquestionáveis, uma ampla e profunda mudança precisa de conscientização e atitude coletiva.

Ao empoderar personagens antes marginalizadas para continuar a luta contra o sultão, Hariharan

mostra que a batalha não terminou com Shahrzad e muito precisa ser feito ainda. A queda do sultão é um dos momentos em que vemos a união entre Dunyazad e Dilshad colocada em prática, dessa vez também com a ajuda de Umar.

O plano do trio em levar o sultão para o mausoléu que estava construindo para a sultana e deixá-lo preso no local foi elaborado e executado pelas mulheres que constantemente mostram o quanto a coragem para lutar as batalhas contra o patriarcado e o masculino opressor vem de toda a atitude e trajetória de Shahrzad pois ela se tornou uma inspiração para as outras mulheres. A conexão entre Dunyazad e Dilshad é mostrada desde o momento em que se conhecem quando a irmã de Shahrzad chega no castelo, como expressado nesse trecho: *“Though they work quietly, Dilshad seems to know exactly what Dunyazad wants”* (HARIHARAN, 2008, p. 57). Durante a narrativa, ambas contam ou se recordam de momentos no castelo o que traz para o leitor um panorama do dia a dia do reino em uma perspectiva das experiências das mulheres e principalmente daquelas mais à margem na sociedade patriarcal e sectária, com escravas, amas de leite, prostitutas, o que desromantiza a vida tanto das princesas quanto dos outros membros da sociedade trazendo uma visão mais realista e dando voz e importância para os marginalizados socialmente.

Segundo Brindadevi, Githa Hariharan usa o mito para expor o terror, opressão, injustiça e machismo inerentes no mito das Mil e Uma Noites. No capítulo *Rowing a Floating Island* essa exposição é clara quando é narrado o dia em que Shahrzad precisava se preparar para dar à luz o seu primeiro filho e para entreter o sultão por mais uma noite salvando-se da morte na manhã seguinte. *“By then she must conjure a plan: how to deliver, with safety and speed, this baby that swims so purposefully in her; and how to recover in time for the night’s storytelling performance in the sultan’s ravenous bed”* (HARIHARAN, 2008, p. 121). Esse momento da trajetória da personagem foi registrado num capítulo em que tais desafios foram vencidos com a cooperação de outras mulheres, sendo uma das mais destacadas, Sabiha, que amamentou e criou o filho de Shahrzad com o Shahryar, Umar. No capítulo *The palace thief*, a influência e papel de Sabiha na formação de Umar é relatada. Um dos laços entre o príncipe e sua ama de leite era o momento de ouvir histórias antes de dormir, trazendo a habilidade da contação de histórias para Sabiha também. Em suas histórias, Umar conhecia o mundo para além do castelo, sendo uma delas sobre um rei que foi traído por sua mulher e acreditava que todas as mulheres eram traidoras como essa e por isso casava toda a noite para, na manhã seguinte, assassinar a esposa. Hariharan atribui, portanto, o poder das palavras para cada uma das personagens, em seus diferentes papéis e trajetórias na narrativa, seja para salvar o próprio pescoço e não ser decapitada, para escrever sua própria história ou para fazer o príncipe dormir. A arte de contar histórias pode ser arma para o combate ao patriarcado ou para sua manutenção.

As opressões sofridas pelas personagens mulheres em uma sociedade patriarcal, de acordo com Sidiqii (2013), espelham a realidade vivida por mulheres na Índia e Hariharan não exagera, mas é original no modo como denuncia a desigualdade social e cultural Indiana. Apesar da narrativa ser uma ficção, há possível identificação de leitores e principalmente leitoras com os processos e ciclos de transformação identitária ao longo da leitura da narrativa, possibilitando uma reconstrução e reflexão identitária de quem

está lendo sobre si mesmo e sua trajetória, principalmente perante opressões causadas por viver em uma sociedade machista. A autora traz para a sua reescrita sentimentos vividos e partilhados entre mulheres, seja da Índia ou outras localidades, universalizando a experiência do ser mulher. Um exemplo disso está no final da primeira parte do livro, intitulada *Travellers*, em que Dilshad convida Dunyazad para contarem suas histórias, colocando-se no lugar de contadoras de histórias, lugar pertencido à Shahrzad no passado: “*Come, Dunyazad,’ says the girl, her words chasing Dilshad’s mischievous grin off her one-eyed monkey-face. ‘You and I have a script of our own – a story or two waiting to be told, our texts of gold to be written, every page remembering us to posterity. Dunyazad, will you travel with me?’*” (HARIHARAN, 2008, p. 107).

Na parte dois do livro, intitulada *Virgins, Martyrs and others*, Dunyazad e Dilshad viajam juntas através de suas histórias por 7 dias, cada uma contando uma história por dia. Na história final de Dilshad, é revelado que Shahrzad está viva e morando escondida em um canto do castelo. E finalmente, a última parte do último capítulo, denominado de *The Morning After*, revela uma Shahrzad idosa que questiona as meninas que dela cuidam: “*I fought for myself, and yes, for you as well. And you – what will you do when your turn comes? When the drums roll, and the sword blunted with age, the rusty axe, wake up to be freshly sharpened?’*” (HARIHARAN, 2008, p. 276).

O questionamento traz uma Shahrzad que não se coloca como a salvadora e detentora da solução da opressão das mulheres na cidade, ela lutou uma batalha, mas deixa claro que a guerra não terminou e as jovens precisam ser as novas guerreiras e se prepararem para as batalhas que estão por vir.

Considerações finais

A pesquisa verificou como Githa Hariharan empoderou suas personagens dando-lhes a oportunidade de reescrever suas narrativas levando da margem para o centro não somente a personagem de Shahrzad, mas também Dunyazad e Dilshad. Estas que antes eram retratadas como submissa tornam-se personagens que transgridem as construções sociais acerca de seu papel naquele contexto com a finalidade de fazer justiça a si e outras mulheres diante do poder masculino opressor.

A reescrita do mito traz também uma Shahrzad ciente da importância não só de transgredir a sociedade patriarcal naquele seu espaço – tempo, mas também de encorajar o empoderamento das novas gerações desde a tenra idade mostrando que todas as mulheres têm o seu dever e papel na luta pela construção de uma sociedade mais justa.

Conseqüentemente, a protagonista não é a típica heroína que se coloca como a única solução para os entraves da narrativa, mas é retratada como alguém ciente da relevância dos seus feitos e da sua força e ao mesmo tempo da importância do agir coletivo para uma real e efetiva mudança.

A reescrita do mito das *Mil e Uma Noites* sob uma perspectiva feminista pode ser considerada empoderadora ao ter reconstruído as personagens e suas relações de uma forma não romantizada, trazendo à superfície da narrativa as opressões sofridas pelas mulheres, as quais, infelizmente, não são apenas criações

fantasiosas da autora, mas também uma denúncia das diversas formas de violência enfrentadas por mulheres ao redor do mundo e ao longo da história humana.

Ao desnaturalizar a opressão sofrida por mulheres, Hariharan protesta contra a sociedade patriarcal redesenhando uma personagem submissa ao poder masculino opressor para uma mulher que protagoniza a luta de outras mulheres, mostrando a importância da organização coletiva para construir uma *sociedade* efetivamente mais justa para todas e todos.

Referências Bibliográficas

BRINDADEVI, R. **The spirit of Shahrzad in Hariharan's When dreams travel**. In: Pune Research Scholar, India: University of Pune, v. 2, n. 6, p. 1-7, dez 2016.

As mil e uma noites. Versão de Antoine Galland; apresentação de Malba Tahan; tradução de Alberto Diniz. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARIHARAN, Githa. **When dreams travel**. India: Penguin Books, 2008.

HUTCHEON, Linda. **A poetics of postmodernism**. Routledge, 1988.

JOUHKI, Jukka. **Orientalism and India**. In: J@rgonia, v.4, p.1-20. 2006.

PAULA, Anna B. **A inscrita da mulher na literatura indiana de língua inglesa contemporânea**. In: XII Seminário Nacional e III Seminário Internacional Mulher e Literatura, 2007, Bahia. UESC, 2007.

SAID, Edward W. **Orientalism**. New York: Pantheon Books, 1978.

SANKARAN, Chitra. **Narrating to survive: Ethics and aesthetics in Githa's Hariharan When dreams travel**. Asiatic, v. 2, n. 2, dez 2008.

SIDIQUII, Shehjad. **A study of feminists elements in the novels of Githa Hariharan**. India, 2013. Tese (Doutorado em Filosofia). Savitribai Phule Pune University.
